

O FRACASSO EM *PLANALTO* (1939), DE FLÁVIO DE CAMPOS

Viviane da Silva Vieira
(PUC-Campinas – Mestra)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES	
<p>Viviane da Silva Vieira possui Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte (2020) na Pontifícia Universidade Católica de Campinas com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Possui Licenciatura plena em Letras Português/Inglês (2016) e Bacharelado em Tradução e Revisão (2017) pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: representação, Romance de 30, poética cultural, identidade e imigração. E-mail: vivianevieira.contato@gmail.com</p>	
RESUMO	ABSTRACT
<p>O objetivo deste estudo é, a partir da leitura do romance <i>Planalto</i>, publicado em 1939, por Flávio de Campos, analisar a formação da imagem do sujeito fracassado. Para tanto, baseando-se em estudos sobre a presença da personagem fracassada no romance de 1930, em especial, nos textos de Mário de Andrade (1940, [1941] 1974) e Luís Bueno (2006), se observará em que medida a construção da personalidade da personagem principal desse romance, Lauro, pode ser considerada a de um fracassado. Mais do que uma personagem sintomática, o fracassado pode ser reconhecido por ser parte de um cenário frustrante e atrasado, cuja modernidade recém- implementada ao seu redor não conseguia ocultar a exclusão e o atraso daquela sociedade, conforme se procurará mostrar ao pontuar alguns detalhes relevantes do enredo de <i>Planalto</i>. Dessa forma, quando oportuno, comparar-se-á o romance a outros textos da literatura brasileira que aparentam certa afinidade com a temática apresentada.</p>	<p>By means of a careful analysis of <i>Planalto</i>, a novel published in 1939 by Flávio de Campos, the aim of this paper is to analyze the formation of the image of the failed character. Therefore, based on studies about the presence of the failed character in the Brazilian novel of 1930's, especially in the texts of Mário de Andrade (1940, [1941] 1974) and Luís Bueno (2006), it will be observed to what extent the construction of the personality of the main character of this novel, Lauro, can be considered that of a failure. More than a symptomatic character, the failed can be recognized for being part of a frustrating and backward environment, whose newly implemented modernity around him could not hide the exclusion and backwardness of that society, as will be shown by punctuating some relevant details of the <i>Planalto</i> plot. Besides, when appropriate, the novel can be compared to other texts in Brazilian literature, which, apparently, share some affinity with the theme presented.</p>
PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Planalto; Romance de 1930; Fracasso;	Planalto; Brazilian's novel of 1930's; Failure;

INTRODUÇÃO

Em apreciação à publicação do romance *Planalto*¹, Monteiro Lobato foi simpático com o autor, de quem era amigo; por isso, começou a crítica explicando que o romancista estreante era um “um rebento da velha cepa dos Campos de São Paulo” (LOBATO, 2010, p. 211). Desse modo, o livro recém-lançado discorria sobre aquilo que seu autor conhecia bem: a elite paulistana. Flávio Seabra Pires de Campos (1903-1947) era bacharel em Direito, formado em abril de 1932, na Faculdade de Direito de São Paulo. Iniciou sua carreira como jornalista quando ainda era estudante, colaborando com crônicas sociais, literárias, teatrais e de cinema em alguns dos principais jornais da época. Dentre seu trabalho como jornalista, destaca-se que, entre janeiro de 1931 e abril de 1932, foi cronista no jornal paulista *Diário Nacional*, assinando a coluna “Notas sociais”, sob o pseudônimo de Jayme de Avellar. No jornal *O Estado de S. Paulo* começou a trabalhar a partir de 1930, ocupação estendida até o fim de sua vida. Nos anos seguintes, também contribuiu com textos para outros periódicos famosos, como a *Dom Casmurro* (RJ) e o *Diário da Manhã* (ES).

Além de ser um escritor pouco lembrado ou estudado pelos principais historiadores da literatura brasileira e, dado o uso constante de pseudônimos e mudanças nas assinaturas de seus textos (foram encontrados textos assinados por Flávio de Campos, Flávio Pires de Campos e Flávio Seabra Pires de Campos), encontrar informações sobre sua vida pessoal e/ou profissional tem sido um trabalho árduo e, por vezes, com poucos resultados. Flávio de Campos faleceu em 1947, no Rio de Janeiro, vítima de complicações cardíacas, tendo publicado obras hoje pouco conhecidas, como *Os poemas verdes da melancolia*, em 1926, quando ainda era estudante; *Planalto*, em 1939; e *Ponta de trilho*, romance póstumo (1948).

Publicado pela editora José Olympio, em 1939, *Planalto* é dividido em duas partes (a primeira denominada “1931-1932” e a segunda, “1934-1935”) e transcorre entre os anos de 1931 e 1935, período no qual a sociedade paulistana (tanto a ficcional como a histórica) se encontrava movimentada por diversas mudanças sociais, culturais e políticas. Na primeira parte do romance são dedicadas diversas páginas à caracterização de Fernando, mostrando suas confusões amorosas e, em suas constantes idas aos bares da cidade, as conversas travadas com o grupo de amigos, nas quais também vão sendo caracterizadas as demais personagens: Edgar, Ralpho, Chico, Chicão, Arch, Hércules, Fornellas, Cobrinha, Nondas e Lauro. O protagonista de *Planalto*, contudo, é Lauro Lemos da Rocha, primo de Fernando

¹ O romance *Planalto* foi estudado na dissertação de mestrado: VIEIRA, Viviane da Silva. **Representações do estrangeiro no romance brasileiro de 1930: literatura, cultura e política**. 2020. 257f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP. Disponível em: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1355>. A pesquisa foi realizada com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, processo n. 2018/11834-3.

e que, na primeira parte, estava morando no interior de São Paulo, em uma cidade chamada Sumidouro². Sua participação como protagonista é constatada apenas na segunda parte do romance, após seu retorno à capital.

Nesse contexto, o episódio central do romance é a representação da revolta civil e militar ocorrida em 1932 na qual as personagens se envolveram diretamente. O movimento ficou lembrado como a “Revolução Constitucionalista de 1932” ou, ainda, como a “Revolução de 1932”, cujo intuito principal foi depor o Governo Provisório, instituído no final de 1930, mas também exigir a convocação de uma Assembleia Constituinte para o país³. Os bastidores da “Revolução de 1932” narrados no romance, a partir da experiência das personagens que se alistaram, marcam o final da primeira parte.

Na segunda parte, “1934-1935”, as personagens podem ser encontradas (mesmo anos depois) na mesma posição ocupada antes da “Revolução”, mas sem a esperança oferecida pelo movimento: São Paulo não ganhou a “guerra” contra o Brasil, todo o movimento foi transformado, pelo sarcasmo político, em um equívoco (CAMPOS, 1939, p. 354). Para Luís Bueno (2006, p. 473-477), em *Uma história do romance de 30*, o próprio enredo de *Planalto* representa um momento de indefinição, uma vez que, escrito após a instauração do Estado Novo, abordava a “Revolução de 1932” tratando de um tempo de impasse a partir de um outro momento de impasse, isto é, o final da década e o acirramento das tensões no período pós-instauração do regime ditatorial e anterior à guerra. Ainda segundo o autor, a indefinição de *Planalto* pode ser constatada já em sua divisão estrutural, pois a primeira parte (mais longa e desenvolvida) remete ao momento de decisão (pela “Revolução”), enquanto a segunda, passada nos anos de 1934 e 1935, vai simplesmente mostrar o resultado (do fracasso) das opções feitas.

Desse modo, o presente texto tem por intuito analisar a formação da imagem do sujeito fracassado no romance *Planalto*, publicado em 1939, por Flávio de Campos. Para tanto, baseando-se em estudos sobre a presença da personagem fracassada no romance de 30, em especial, nos textos de Mário de Andrade (1940, 1974) e Luís Bueno (2006), se

² Não há nenhuma cidade no estado de São Paulo com o nome de Sumidouro. No estado do Rio de Janeiro há uma Sumidouro, contudo, baseando-se nas informações presentes no romance, pode-se afirmar que a Sumidouro para onde Lauro se mudou ficava no interior de São Paulo, logo, tudo leva a crer ser uma cidade fictícia. No mais, Sumidouro é o nome dado a um buraco que pode ser formado tanto natural como artificialmente. Os sumidouros naturais ocorrem quando o solo não possui grande quantidade de argila e com o fluxo constante de águas (da chuva ou, ainda, de águas subterrâneas) são formadas grandes galerias no subsolo fazendo com que a camada superior de areia não suporte e afunde gerando grandes buracos no solo. Os sumidouros artificiais são aqueles que possibilitam a infiltração de efluentes de fossa séptica para o subsolo.

³ O uso de aspas será utilizado no texto sempre quando houver menção ou alusão às revoltas civis e militares ocorridas em 1930 e 1932, uma vez que, devido a reinterpretação do período histórico possibilitada pelos estudos que envolveram a escrita do presente trabalho, discordo do caráter revolucionário conferido aos movimentos, entendidos, aqui, como tentativas ou efetivações de complexos golpes cujo intuito foi defender e/ou justificar a presença e a preponderância de determinados grupos político-sociais no poder.

observará em que medida a construção da personalidade da personagem principal, Lauro, pode ser alinhada a outros fracassados do período. Dessa forma, quando oportuno, comparar-se-á o romance a outros textos da literatura brasileira que aparentam certa afinidade com a temática apresentada.

1 O FRACASSADO EM *PLANALTO*

Quem primeiro notou uma recorrência no romance de 30 na criação de personagens com pouca fibra ou sem força pessoal foi Mário de Andrade. Em um texto de abril de 1940, publicado no jornal *Diário de Notícias*, o escritor comentou, a princípio, sobre o aumento do número de personagens estrangeiras na literatura brasileira contemporânea. Para o crítico, não era uma surpresa as ocorrências terem se intensificado no decorrer da década anterior, pois o Brasil era um país de imigrantes; na realidade, Mário de Andrade lamentava que, nessas obras, por vezes, os romancistas não “colorissem” suas personagens com um “traço característico” que fugisse à obviedade (como a de um inglês falar a língua inglesa). Para além dessa constatação, também chamou atenção para a presença recorrente de outra figura, a do fracassado. Se tratava de uma personagem caracterizada tanto pela falta de fibra como por não opor nenhuma força pessoal ou elemento de caráter contra as forças da vida, seguindo pelo caminho da entrega “à sua própria insolução” (ANDRADE, 1940, p. 13). O autor de *Macunaíma* retomaria as considerações sobre o fracassado em maio do ano seguinte, na primeira edição da revista *Clima*. Ao comentar o abstencionismo e a complacência dos intelectuais do período, quase com as mesmas palavras, reproduziu o trecho publicado no ano anterior. Essa “personagem sintomática”, presente na obra de diversos romancistas do período, para o modernista, revelaria o aparecimento, nessa intelectualidade, de uma “pré-consciência, a intuição insuspeita de algum crime, e alguma falha enorme, pois que tanto assim ela se agrada de um herói que só tem como elemento de atração, a total fragilidade, e frouxo conformismo” (ANDRADE, 1974, p. 191)⁴.

Dialogando com Mário de Andrade, Bueno (2006) também examinou o fracassado como caracterização recorrente nas personagens desse período, mas problematizou a definição do autor de *Paulicéia Desvairada* confrontando-a com a visão e o projeto nacionalista defendido por ele. Dessa forma, Bueno chamou atenção para a diferença da visão do modernista sobre a identidade brasileira em relação à perspectiva que tomou lugar na década de 1930. Segundo seu ponto de vista, movidos pelo tempo da utopia,

⁴ A versão consultada de “A elegia de abril” é a integrante no livro *Aspectos da literatura brasileira*, publicado pela Editora Martins, em 1974.

os intelectuais de 1922 conseguiram vislumbrar um futuro esperançoso e modernizante para o país ao passo que, os de 1930, em um momento já de pós-utopia, viam o presente como um cenário desagradável e frustrante em que a modernidade implementada não conseguia ocultar a exclusão e o atraso, “daí nasce aquela pré-consciência do subdesenvolvimento, ou seja, o início da percepção de que o presente não se modificará sem que algo se modifique na própria estrutura das relações sociais” (BUENO, 2006, p. 68). A partir das formulações de Mário de Andrade sobre a recorrência do fracassado, Bueno apontou dois elementos a serem examinados: “a natureza do fracasso que domina o romance de 30 e sua articulação com uma ideia de identidade nacional” (BUENO, 2006, p. 76). Considerando o romance de 30 a partir do movimento utópico da década anterior, o autor avaliou a investigação do fracasso pelos romancistas não como um meio de operar a desistência, e sim, como a tomada de consciência das impossibilidades de solucionar as dificuldades do presente sem antes mergulhar nos problemas e no atraso do país.

A produção literária nos anos 1930 engendrou, portanto, uma discussão que, desde o século anterior, percorria os ambientes intelectuais: a questão da nacionalidade brasileira. Mas essas interpretações, longe de apresentarem opiniões totalizadoras que definiriam uma visão unitária e integral de identidade brasileira, se prestaram ao que Bueno chamou de “produção atomizada”. Tratava-se, assim, de uma produção intelectual intensa e plural de romancistas de todo o país (uma grande parcela deles, estreantes na década) que se dedicaram a tratar em suas narrativas, seja um aspecto específico do presente, seja um cenário até aquele momento ainda desconhecido dos grandes centros. Foi dessa “produção atomizada” que os dramas dos engenhos, dos sertões, das zonas de cacau, das colônias de imigrantes saíram do anonimato e passaram a integrar os debates literários. Desse modo, a expressão da nacionalidade, ao encarar, por meio da figura do fracassado a realidade e as injustiças do presente, para o pesquisador, conquistaria para o romance de 30 algo ainda inédito: “a incorporação das figuras marginais” que, até então esquecidas, por fim, foram evidenciadas (BUENO, 2006, p. 78-80).

Assim, o texto de Mário de Andrade, “O traço característico”, aponta duas considerações que podem ser observadas para a análise de *Planalto*. A primeira diz respeito à representação de personagens estrangeiras que, longe de apresentarem uma boa descrição de traços característicos, coincidia para a caracterização de personagens cujos traços não fugiam à obviedade. Uma das personagens de *Planalto* é Archbald (de apelido, Arch), um “brasileiro-inglês” amigo de Lauro (no decorrer da narrativa, não são apresentados maiores esclarecimentos sobre Arch ser naturalizado brasileiro ou filho de imigrantes). Sendo o único estrangeiro do grupo, o rapaz não chegou nem a ter uma

construção psicológica dentro da narrativa. Suas participações, restritas a contar piadas e anedotas, reiteram a opinião disposta no romance de que ele levava uma vida “à toa” como todos os que não tinham nenhuma impressão ou ideia a transmitir: bebia um aperitivo com Hércules todas as tardes, jogava com frequência e, quando necessário, fazia algumas corretagens. Quando estava na roda, os demais rapazes sempre se mostravam dispostos a transmitir suas (nem sempre interessantes) opiniões, mas Arch falava pouco, era reconhecido por seu jeito calado, o que só mudava quando fazia os amigos rir com os apartes humorísticos. Seus silêncios não são justificados, todavia, por uma dificuldade em se expressar na língua já que sua caracterização parece corroborar uma ideia muito forte do romance de que a voz das personagens estava ligada a uma ascendência aristocrática. Assim, sempre tecendo duras opiniões sobre as personagens, o narrador descreve Arch como alguém calado, não por falta de assunto, mas porque tinha pouco interesse pelas novidades do mundo: “O ruidoso contador de anedotas [Hércules] – o homem do Bichão – e o calado e vago corretor [Arch] passam o tempo como toda a gente que bebe e não tem ideias a expor nem impressões a transmitir, – puxando e atirando palitos de fósforo” (CAMPOS, 1939, p. 263-264, marcações minhas).

Para além da caracterização das personagens estrangeiras, brevemente comentada, são de essencial importância para este texto as considerações de Mário de Andrade sobre o fracassado, especialmente quando se trata de tecer uma análise sobre a personagem principal de *Planalto*. Cultíssimo, Lauro era muito estimado pelos amigos e era sempre convidado a participar das discussões ao expor sua (nem sempre) sensata opinião. Como o primo, Lauro também era bacharel em Direito – “bacharel” é, ainda, o apelido recorrente com o qual se referem a ele – e, após a frustrada “Revolução de 1932” deixou Sumidouro e regressou a São Paulo, indo trabalhar com Fernando no escritório de advocacia; o negócio, contudo, ia mal devido à ausência de clientes. A má posição econômica de Lauro era como uma consequência do passado desastroso de seu pai que, mesmo falecido, havia deixado uma espécie de “legado de fracassos” ao filho. O determinismo é marcante na descrição da personalidade e das dificuldades de Lauro uma vez que, mesmo tendo batalhado para ascender na vida (reconhece, porém, não ter sido persistente o suficiente), acabou “seguindo os passos” do pai rumo à falência. Nos meses em Sumidouro, Lauro ganhou muito dinheiro, mas perdeu tudo em pouco tempo de regresso a São Paulo, como se, para ele, o fracasso financeiro fosse uma característica hereditária.

Em poucos meses em Sumidouro Lauro ganhou cerca de cem contos na moeda da época, uma quantia considerada grande; contudo, “um dia veio a revolução contra os lenços vermelhos, contra os punhais nas perneiras. Ele se meteu no movimento por

curiosidade, por espírito de aventura, por solidariedade a amigos e um pouco por paulistismo” (CAMPOS, 1939, p. 270). Findada a “Revolução de 1932”, Lauro retornou à cidadezinha do interior, todavia, quando foi denunciado por fazer “negócio com as requisições” durante o movimento, preferiu regressar a São Paulo para nunca mais voltar (mesmo provando a improcedência da acusação), pois percebeu que “Sumidouro queria vê-lo preso, ou vê-lo fora” (CAMPOS, 1939, p. 270). Mas a São Paulo onde nasceu “era uma voragem, uma amante cara” e, sem conseguir ganhar dinheiro, só lhe dava duas opções: ir para o Oeste e seguir o rumo apontado pelo Tietê e pelas bandeiras (como ele já havia tentado mudando-se para Sumidouro); ou ficar e “adaptar-se a uma sub-vida, com um infra-orçamento, aparecer perante os amigos como um homem culto que falhou”. Orgulhoso, contudo, reconhecia para si próprio não ter nascido para a miséria, “para viver a existência humilhada dos pobres” ou, pior, viver de favores; preferia continuar seguindo o caminho do pai (CAMPOS, 1939, 271-272). Tudo isso, Lauro refletia sentado na mesma poltrona baixa em que o pai se suicidou e na qual ele também se suicidaria ao final do romance.

A ligação entre os pensamentos pessimistas de Lauro com os de seu pai é feita explicitamente pelo narrador a partir de uma digressão do processo reflexivo do protagonista para explicar ao leitor que Lauro “repetia, sem saber, pela força do atavismo, mudadas as circunstâncias, as mesmas conclusões negativistas do pai” (CAMPOS, 1939, p. 267). A escolha do foco narrativo em *Planalto* é do narrador onisciente intruso; assim, o narrador faz uma retrospectiva de vinte anos na narrativa para mostrar que, assim como Lauro, o “velho Lemos Rocha” também um dia passou (e pensou) por situações parecidas. O pai de Lauro foi um moço talentoso, filósofo, explicou-nos o narrador; eleito deputado estadual, renunciou dias depois para, em seguida, casar-se “com uma conterrânea digna, mas simples professorinha”, um escândalo e uma loucura “para sua classe econômica e social, para a mentalidade feudal de sua família”. Pouco depois, com a morte do pai (avô de Lauro), recebeu a herança que, em poucos anos, perderia no jogo. Um dia, ao perceber-se falido e sem ter como manter a vida luxuosa e confortável com a qual havia se acostumado, se suicidou deixando a mulher e o filho para “viver uma vida de provações” (CAMPOS, 1939, p. 268-269). O narrador recorre, nessa digressão, à síntese dos feitos (e malfeitos) do pai para ligá-los à vida do filho.

Como foi a vida do protagonista após o suicídio do pai o leitor já sabia páginas antes: Lauro foi viver no palacete da avó, onde, “rodeado de luxos”, ficou até ser enviado ao internato. Anos depois, ao retornar, preferiu afastar-se da família paterna para morar com a mãe, “que começou a auxiliar, assim que se matriculou na Faculdade e começou a trabalhar” (CAMPOS, 1939, p. 153). Adulto, da família do pai só se dava bem com a

tia, dona Siomara, que, apesar de Lauro considerar soberba como sua avó, revela o narrador, era mãe de Fernando, um primo ao qual se afeiçoara e quem supunha não compactuar com os preconceitos sociais da família em relação à sua mãe e, por conseguinte, a ele também. Lauro mal conheceu o pai, mas reconhecia serem muito parecidos, principalmente, nos fracassos. Do pai, havia herdado o caráter apático, sentencia o narrador: “Não fora seu temperamento indulgente, por decorrência do ceticismo básico, herdado do pai, Lauro seria um revoltado, em lugar de um apático” (CAMPOS, 1939, p. 152). Foi essa “apatia” herdada que o impossibilitou de defender a mãe, pois ela levou uma vida modesta e cheia de dificuldades morando na mesma cidade onde a família do falecido marido levava uma vida cheia de luxos – “na própria cidade onde enviudara e onde, rodeando-a, sogra, cunhados e cunhadas aceitas levavam vida de fausto” (CAMPOS, 1939, p. 152).

Assim, ao pensar na vida do pai, mas também na dele, Lauro dividia-se entre a constatação da “inevitabilidade do fracasso” ao qual estava predestinado, afinal era o determinismo em vigor na constituição da sua personalidade, e a vontade de lutar, pois sabia que “tudo é luta; todos lutam” (CAMPOS, 1939, p. 269). Reconhecia, porém, não conseguir lutar, pois discernia ser “consciente, [logo] sabia como somos escravos de forças incognoscíveis: tara, destino, carma, – ele se recusava a prender, acusar, esmagar...” (CAMPOS, 1939, p. 270). Compactuando com o determinismo com o qual o narrador delineava sua vida, Lauro procurava se convencer de que foram as taras transmitidas hereditariamente que o levavam a gastar todo o dinheiro nos “prostíbulos de alto bordo” (talvez os mesmos outrora frequentados pelo pai). De acordo com esses pensamentos, era o destino quem o fazia seguir o “carma” do falecido. Não há liberdade para escolher um novo caminho, sua única tentativa, a ida a Sumidouro, mostrou a ele que lutar não adiantaria. Em vez de levar uma vida mais modesta e semos luxos com os quais era acostumado (os charutos cubanos, as bebidas que gostava, os aperitivos com os amigos, as idas aos concertos e ao teatro, os livros e etc.), Lauro acreditava preferir “a solução briosa de seu pai”, o suicídio. Desiludido, enquanto se suicidava, Lauro perdeu duas oportunidades positivas em sua vida: o bilhete premiado e, finalmente, o despertar do interesse da prima por ele, justo aquela por quem o protagonista nutria um sentimento secreto. Assim, a primeira “rasteira” do destino, a financeira, se deu com o bilhete de loteria comprado que, por acaso, estava premiado, e o dinheiro do prêmio permitiria um recomeço⁵. Além do dinheiro da loteria, Lauro, naquele dia, seria surpreendido

⁵ “[...] quando saiu, esquecido da cena da entrada, o cambista atracou-o, de novo. Repeliu a primeira investida. ‘É a sorte, doutor, 18813’, insistiu o vendedor. Lauro fez que não com o dedo. O homem seguiu-o e pediu-lhe, com sinceridade, com uma voz que era uma voz autêntica de confissão, que lhe comprasse aquele bilhete pois não tinha dinheiro para a família jantar. Lauro encarou-o. ‘É o último dia, doutor. Corre amanhã

com a atitude da irmã de Fernando, Maria da Graça, que havia decidido tomar uma iniciativa amorosa em relação a ele. Os dois acontecimentos que poderiam mudar as perspectivas de vida de Lauro, como ressaltou Bueno (2006), punem-no pela falta de crença⁶.

Além disso, pensando no estudo onomástico aplicado à análise literária (CAMARGO, 2020), a escolha do nome “Lauro”, cujo significado é “louro, loureiro”, também pode suscitar à coroa de louros entregue aos heróis a fim de simbolizar a vitória e a honra. Sabendo que os amigos e a família esperavam o sucesso dele, Lauro não se sentia um vitorioso, pelo contrário; sem atingir as expectativas criadas tanto pelos outros como por ele para seu sucesso profissional e financeiro, se sentia um fracassado (eis, assim, a ironia da escolha de seu nome). Por conseguinte, a sensação de fracasso também foi empregada repetidamente no romance de forma a desenvolver a derradeira decisão de seu suicídio ao final de *Planalto*. Na verdade, toda a constituição do romance revela uma convenção social da imagem que se faz do suicida. Nas muitas discussões desenvolvidas pela roda de amigos, o assunto chega a ser abordado; é Lauro quem garante, frente a todos, ser o único responsável por sua vida, mas também aquele a quem pertencia a decisão de tirá-la. Quando comparecem ao enterro do Nondas, o outro suicida do romance, Edgard faz um de seus comentários egoístas a Lauro: “– Também... o coitado!... era um vencido, não acha?”, ao que o outro discorda, “ – Não; não acho. Talvez seja ele o único triunfador e o mais nobre de todos nós. – Em seguida caiu em si, e corrigiu: – Tudo depende da maneira como observamos” (CAMPOS, 1939, p. 325). Os sinais eram claros, é com um misto de admiração e cautela que Lauro não considera fracassado o colega suicida, em oposição ao que pensava Edgard, uma pessoa cujos ideais e problemas diferiam completamente dos de Nonda – o que não era o caso de Lauro. Todavia, a opinião da personagem não parece condizer com a do narrador, com a do romance – esta parecia alinhada ao que pensava Edgard: vitoriosos eram os que seguiam lutando, os que não desistiam.

Se Lauro tivesse ganhado na loteria um dia antes, provavelmente, não teria desistido da vida; mas, pela própria ironia desenvolvida na estrutura do romance, se

e eu...’. Meteu a mão no bolso e pagou sem pestanejar. Dobrou o bilhete, guardou-o na carteira, e estugou o passo, incomodado com a gratidão do cambista” (CAMPOS, 1939, p. 379-380).

⁶“Essa falta de crença no futuro o leva ao suicídio – e, o pior, num momento em que tudo estava prestes a se resolver para ele. Afundado em dívidas, vai caindo fundo no desespero. Ao perambular pela cidade acaba comprando, sem vontade, um bilhete de loteria – já havia comprado outros, inutilmente – que seria sorteado e lhe daria cem contos. Ao mesmo tempo, uma surpresa se preparava para ele no campo amoroso. Sempre tímido, tido pelos amigos como um ‘secarrão’, cultivava uma paixão distante por uma prima, irmã do amigo Fernando, que se casara, mas cujo marido morreria na revolução de 32. Pois essa moça se decidira a fazer um gesto em sua direção, convencida de que gostava dele. Envenenando-se, abdica da vida sem saber disso tudo. Castigo imenso pela falta de crença” (BUENO, 2006, p. 474).

pode verificar como as notícias que poderiam mudar a vida (e a morte) de Lauro vêm muito tarde, atrasadas. Será que vêm só por que o rapaz, o cético, o bom “bacharel”, havia, enfim, decidido? Tanto o dinheiro da loteria como a prima rica, moça por quem ele era apaixonado, seriam elementos positivos para ele. Seu insucesso está diretamente relacionado à falta de bens: enquanto os amigos tinham, ou bons empregos, ou uma boa renda familiar, ele vivia apertado com a falta de clientes e da família só havia herdado uma tendência a gastos altíssimos.

Dessa forma, o caráter do insucesso de Lauro faz lembrar o fracassado (ANDRADE, 1940, p. 13). Considerando essa perspectiva, Lauro caminharia para o mesmo fracasso do pai sem opor nenhuma resistência, entretanto, por um intervalo de tempo, houve uma tentativa de romper com essa ligação quando o protagonista esteve no interior, na primeira parte do romance. Procurando evitar generalizações, Bueno também examinou o fracassado, mas, diferentemente de Mário de Andrade, avaliava essa investigação pelos romancistas de 1930 como a tomada de consciência do subdesenvolvimento do país e das impossibilidades de solucionar aquele presente sem antes mergulhar em seus problemas e atraso. Assim, a personagem desse romance não seria encarregada de promover ações para mudar essa ordem, mas sim, “servia para incorporar algum aspecto do atraso” (BUENO, 2006, p. 78). Nesses termos, é preciso considerar que Lauro fazia parte de uma ordem atrasada e insustentável, por se encontrar ligado a um passado que desmoronava e do qual dificilmente conseguiria se desvencilhar (as instituições sociais representadas pelo bacharel e pelo quatrocentão, por exemplo, se mostravam falidas no romance). O próprio determinismo já representa, para aquela década, uma teoria atrasada, uma mentalidade equivocada. A impossibilidade de encontrar um lugar na nova ordem foi intensificada após o retorno do protagonista a São Paulo; e essa dificuldade de pertencer à terra cuja família estava ligada a tantas gerações intensificava o não-pertencimento de Lauro.

De dificuldade similar à de Lauro para pertencer à terra também sofreu Carlos Melo, em *Banguê*, de José Lins do Rego. O protagonista criado pelo escritor paraibano, conforme o próprio Mário de Andrade lembrou em “A elegia de abril”, foi talvez a primeira amostra de fracassado no romance de 1930 (ANDRADE, [1941] 1974, p. 190). Protagonista dos três primeiros livros de Lins do Rego, em *Banguê*, Carlos chega à idade adulta e retorna ao engenho do avô após anos vivendo longe durante os estudos. Assim como Lauro, Carlos também era bacharel, contudo, não chegou a exercer a profissão nem por um curto intervalo de tempo. Em oposição a Lauro, quem não possuía nenhuma herança com a qual contar, Carlos aguardava (com um misto de pavor e passividade) a morte do avô, na certeza de herdar alguma propriedade. O velho José Paulino, o senhor de engenho forte e inabalável dos livros anteriores, após tantas décadas de grandeza e

força, envelhecia a olhos nus. Junto a ele estava o neto que havia criado, educado e querido bem; porém, Carlos não era dotado da mesma força e motivação do avô para levar os engenhos adiante. Apesar das dificuldades narradas por Carlos nas primeiras partes do romance, o Santa Rosa só decaí com o falecimento do senhor de engenho, pois, quando as terras são entregues ao rapaz, o desastre se mostra eminente. Mas houve dois momentos em que Carlos tentou lutar contra a indolência de seus dias: quando Maria Alice estava no engenho, no período em que foram amantes; e, depois da morte do avô quando tentou resistir à falência. Mas com a partida de Maria Alice o entusiasmo pelo trabalho passou; com o retorno da moça à companhia do marido, Carlos quase enlouqueceu (chegando, ainda, a comparar-se com o pai, cujo temperamento instável havia assassinado a esposa). E, anos depois, mesmo tentando lutar para não perder o engenho, continuava acometido pela apatia, pelo lado emocional abalado e, principalmente, pelas próprias paranoias criadas sobre os vizinhos e os parentes que acreditava estarem mancomunados para planejar sua morte e, assim, ficar com as terras.

Como Carlos, Lauro também foi acometido por um entusiasmo passageiro que o levou a se dedicar ao trabalho. E ele ganhou dinheiro em Sumidouro, entretanto, em São Paulo, na cidade onde nasceu e a qual seus antepassados ajudaram a construir e a tornar imponente, não conseguia. O atraso naquela sociedade alimentada por um mentalidade equivocada intensifica as dificuldades encontradas do retorno de Lauro, fazendo-o se entregar ao desânimo completo. Desse modo, tanto o protagonista de *Planalto* como o de *Banguê* são membros decaídos de famílias que ostentaram um certo tipo de aristocracia, mas que, ao contrário das realizações de seus antepassados, parecem não possuir as virtudes que os fizeram grandes; é essa, provavelmente, a maior frustração das vidas de Carlos e de Lauro.

Em “Herói fracassado: Mário de Andrade e a representação do intelectual no romance de 30”, Ivan Marques estabeleceu uma discussão sobre o fracassado citando obras como *Banguê*, de José Lins do Rego, e *Angústia*, de Graciliano Ramos. *Planalto* não chegou a ser mencionado pelo pesquisador, apesar de encenar em seu enredo, conforme percorrido neste texto, a temática do fracasso. Para o autor, a ruína do engenho estava intimamente ligada à produção literária de José Lins do Rego, citando, para tanto, a nota introdutória de *Usina*, publicado em 1936. Ao interligar a trajetória de Carlos de Melo, do Santa Rosa e do moleque Ricardo, do romance homônimo, Lins do Rego concluiu: “Carlos de Melo, Ricardo, e o Santa Rosa se acabam, têm o mesmo destino, estão tão ligados que a vida de um tem muito da vida do outro. Uma grande melancolia envolve de sombras” (REGO, 1980, p. 196). Para Marques, desse modo, o fracasso e a decadência apresentam-se como eventos em conjunção na obra do autor de *Banguê*.

E qual seria a relação dessa decadência explicitada nos romances de Lins do Rego com o fracasso que toma *Planalto*? No romance de Flávio de Campos uma aristocracia tradicional também decaía. O romancista paulista, assim como Lins do Rego, também escreveu sobre a sociedade a qual pertencia por nascimento. Flávio de Campos descendia de uma família (assim como um número considerável das suas personagens) que vivia em São Paulo desde a sua fundação. Seu grupo, o de Lauro, de Fernando, de Edgard e de Chico, era o de paulistas de quatrocentos anos. Em *Planalto*, o romancista enfoca, principalmente, as crises sobre as quais a sociedade paulista se envolveu na década de 1930. Com a expansão do cultivo de café, São Paulo se tornou um estado de forte poder econômico, mas a crise financeira acentuada a partir de 1929, com o “Crash” na Bolsa de Valores de Nova York, levou muitos cafeicultores e proprietários de terras à falência. Sem se recuperar financeiramente, a elite cafeicultora adentrou a década de 1930 com sérios problemas agravados até a malfadada “Revolução Constitucionalista de 1932”. Em 1930, chegou ao fim a “política do café com leite” e, mesmo sem o apoio de Minas Gerais, o candidato paulista à presidência, Júlio Prestes, venceu as eleições sob denúncias de fraudes, sem, contudo, chegar a ser empossado. Em outubro daquele ano, mascarando o caráter golpista do movimento, Getúlio Vargas chegou ao poder com a “Revolução de 1930”. Nesse contexto, *Planalto* descreve ficionalmente os primeiros anos daquela década, de 1931 a 1935, a partir do ponto de vista de suas personagens: um grupo de jovens amigos que se encontrava nos bares da capital para discutir, dentre diversos assuntos, política, economia e teorias socioculturais.

Dessa forma, na obra, o caráter definidor defendido pelo grupo central de personagens (e que excluía todos os que não pertenciam, independentemente de serem brasileiros de outros estados ou estrangeiros) era a ligação com a terra, com a fundação da Vila de São Paulo de Piratininga por seus ancestrais. Do mesmo modo, também creditavam à preservação do tipo étnico do mameluco o fortalecimento do grupo das cinquenta e duas famílias que, tendo se fechado em uma espécie de clã aristocrático, ainda no início do século XX, procurava se defender das mudanças e da preeminência de outros grupos, como os de imigrantes. Assim, a narrativa remete a uma teoria de que a supremacia do planalto paulistano era resultado da localização geográfica, motivo pelo qual havia possibilitado o melhor clima, território e incidiu na composição étnica e histórica de um estado que, por essa linha de pensamento, poderia se considerar superior ao restante do país.

Nesse romance, a indefinição é tamanha que, de início, não se tem certeza nem de quem seja o protagonista; a constatação de que é Lauro só ocorre na segunda parte, passadas quase duzentas e cinquenta páginas. Lauro era uma personagem muito admirada pelo grupo de jovens amigos, em maioria, de famílias tradicionais como ele;

porém, tamanha consideração não significava confiança ao protagonista, pois Lauro era inseguro e indeciso. Do pai, havia herdado a ascendência quatrocentona; da mãe, uma ascendência humilde que sempre desagradou a orgulhosa família paterna. Morto o pai, quando ele ainda era criança, foi criado na casa da avó, mas, adulto, optou por afastar-se dos parentes que considerava esnobes e ridículos; trabalhava a fim de prover mais conforto à mãe. O que perturbava Lauro profundamente está marcado na ambiguidade de sua caracterização: de um lado, sentia o peso do passado do pai, suicida após ir à falência, a quem repetidamente se comparava em um misto de terror e conformismo; de outro, se atormentava com as expectativas criadas pela mãe, pelos amigos e, principalmente, por ele quanto ao seu futuro promissor. O laço de sangue e o status familiar, o que sustentariam seu pertencimento à terra e à nobreza paulistana, para ele, não sugeriam um caminho. Na verdade, o único caminho vislumbrado por Lauro, ao final, era o de seu pai. Uma das características principais do livro é o determinismo que perpassa a história, não apenas o imigrante dificilmente se tornaria um elemento da classe dos paulistas quatrocentões como, ainda, no caso de Lauro, ele a muito custo poderia se livrar do laço que o prendia ao meio.

Há duas situações que podem verificar isso: a primeira, desponta em uma das conversas mantidas pelo grupo quando surge o tema do suicídio e Lauro, ao afirmar caber apenas a ele a decisão de interromper ou não sua vida, foi questionado por Edgard, em um misto de deboche e malícia, se “o suicídio não será destino” (CAMPOS, 1939, p. 358). O destino do filho de um suicida falido seria também o suicídio? Seria a impossibilidade de superar a falência? A outra situação diz respeito ao descrédito imposto à sua seriedade para o trabalho, novamente aproximando-o do pai. Um dia, depois de muito tempo com o escritório às moscas e, profundamente desiludido ao ver suas últimas economias se minguaem, Lauro saiu por alguns instantes, tempo suficiente para aparecer um cliente, velho conhecido do pai. Vendo o escritório fechado, o industrial sentenciou: “Logo vi, refletiu, filho do Lemos da Rocha não leva a sério o trabalho!” (CAMPOS, 1939, p. 314). Era um ciclo do qual a personagem não conseguiu sair com vida.

Desse modo, o não-pertencimento de Lauro era persistente, pois, mesmo reconhecendo que para seu círculo social o sobrenome e a origem eram porta de entrada para o prestígio e a ascensão, lamentava não ter compreendido os segredos dessa guinada financeira. Para a personagem, mais do que o parentesco, sua “paulistanidade” seria definida pelo sucesso, presente no romance como um senso de pertencimento enraizado à terra e à defesa do grupo “puro” dos (nem tão) ilustres antepassados. Retomando brevemente as considerações sobre *Banguê*, a grandeza da família de Carlos, por exemplo, pode ser comprovada; os romances anteriores, *Menino de Engenho* e *Doidinho*,

assim como os subsequentes, mostram o sucesso do Santa Rosa – um sucesso que mingua à medida que o engenho cai nas mãos de Carlos, afinal, o próprio rapaz se lembrava repetidamente de que nos tempos do avô o sucesso era tremendo. Mas, em *Planalto*, a superioridade da família de Lauro (e dos outros quatrocentões) faz parte de um mito reinterpretado, da ideia de que aqueles jovens, por descenderem de um suposto tronco ilustre, estariam destinados a um sucesso que o protagonista, contudo, não conseguia atingir, quiçá compreender. A ressignificação histórica que transformou o bandeirante em herói atribuía à conquista dos sertões e à tradicionalidade dos paulistas quatrocentões um sucesso não alcançado pela geração de Lauro, desiludida e colhendo os frutos das mudanças das recentes “Revoluções” assim como da inconstância reservada pelo futuro. Assim, “fazer-se” uma pessoa de êxito por suas conquistas pessoais era um obstáculo pelo qual àquelas almas não conseguiam ultrapassar, só era bem-sucedido quem podia contar com a fortuna familiar; o que, ademais, não era o caso do protagonista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já ultrapassado os tempos de utopia, de esperança em um futuro promissor e modernizante para o Brasil, os intelectuais de 1930 evidenciaram em suas obras um cenário que, apesar da modernidade implementada na década, ainda era atrasado, subdesenvolvido, como pontuou Bueno (2006). E não foi só na literatura que o fracasso ocupou espaço como uma temática recorrente; conforme destacou Marques (2015, p. 63), a decadência e a inevitável constatação de estar ligado a um passado que desmoronava também esteve presente no ensaísmo de Gilberto Freyre e de Sérgio Buarque de Holanda. Ainda segundo o autor, era como “se todos estivessem empenhados em mostrar, na contramão dos surtos de modernização, o quanto ainda se sentiam presos ao passado rural” (MARQUES, 2015, p. 62).

Em relação à análise do enredo de *Planalto*, assim como de sua personagem principal, Lauro, algumas considerações podem ser feitas. Como discutido, Lauro pertencia por nascimento ao grupo hegemônico da obra; ao contrário dos imigrantes e de seus descendentes, ávidos pela aceitação e assimilação no estreito grupo dos (supostamente) aristocratas paulistas, ele era um membro aceito e muito bem quisto em suas relações. Apesar disso, o rapaz vivia um impasse: o nome da família e a ascendência não tinham utilidade alguma na sua atual situação; Lauro se encontrava falido e sempre recebia os olhares e comentários maldosos quanto à sua semelhança ao pai. Sua forte crise de identidade evidenciava o quão preso entre o presente e o passado se encontrava: de

um lado, planejava construir uma vida confortável e enriquecer por meio da profissão; de outro, continuava ligando (e ligando-se) à trajetória paterna, com constantes e deprimidas comparações que rompiam com qualquer esperança de contornar o fracasso ao seu redor.

O suicídio ocorrido justamente no dia em que as coisas melhorariam reforça a vida malfadada de Lauro: o bilhete premiado em referência ao fracasso financeiro, e as investidas da prima, demonstrando um segundo fracasso, o amoroso.

Era um cético que não se despunha a acreditar em nada (talvez apenas acreditasse no destino de sua vida ligada à paterna). Não tinha política a expor como seus amigos; nem na inventada superioridade paulista parecia acreditar. Quanto ao assunto é, por muitas vezes, ambígua sua opinião. Em contraposição aos pensamentos do amigo Edgard, por exemplo, Lauro desacreditava da certeza do outro quanto ao “segredo paulista”, isto é, um segredo para entender a cidade que, supostamente, seria compartilhado geneticamente apenas entre os descendentes das famílias fundadoras (CAMPOS, 1939, p. 56-58)⁷. Mas para o protagonista a experiência era outra; ao contrário de Edgard, com os bolsos cheios da riqueza familiar, Lauro caminhava para a falência. Mesmo assim, quando incitado a expor sua opinião quando à miscigenação, acaba cedendo e concordando com o amigo de que São Paulo era uma terra superior ao resto do país porque ali, graças à seleção do planalto, os paulistas se mantiveram “eticamente puros” (CAMPOS, 1939, p. 289-291). Discorrer sobre essas discussões de miscigenação ou da suposta existência de raças superiores, tão marcada no período em que o livro foi publicado, fogem ao objetivo deste texto; com o número grande de material referente a isso em *Planalto*, aliás, seria necessário um texto só para tratar esse assunto.

Outra passagem do livro reveladores da dubiedade das opiniões de Lauro é sua opinião quanto aos motivos que o levaram a aderir à “Revolução de 1932”, uma vez que o protagonista admitiu ter entrado “no movimento por curiosidade, por espírito de aventura, por solidariedade a amigos e [*claro*] um pouco por paulistismo” (CAMPOS, 1939, p. 270, grifos e marcações minhas). Lauro não acreditava no sucesso da empreitada e nem em seus princípios. No mais, o insucesso da “guerra paulista contra o Brasil” revela novamente o fracasso das opções feitas, afinal, anos depois, na segunda parte do romance, as personagens encontram-se em situação de desânimo e despreparo total: o

⁷ “Então os bares têm alma, também eles? Se não possuírem, como explicar aquele respeito meio místico, aquela certeza de que seriam mal recebidos em seu aconchego, aquela timidez que os emigrados sentiam perante o bar, compreendendo, todos eles, os novos-ricos, filhos de sírio e filhos de italiano, que aquilo era um consulado da velha raça, um abrigo, uma espécie de clube só frequentado pelos que tinham seus avós sepultados em Piratininga?” (CAMPOS, 1939, p. 57).

entusiasmo de anos antes cedeu lugar completamente à indefinição e à incerteza que marca a obra. Nesse contexto, o movimento civil militar reencenado em *Planalto* centralizava os acontecimentos à medida que foi também o auge da união e do fechamento daquela cultura local como se fosse, ainda, uma forma de resistência às mudanças de um passado em que São Paulo teve preeminência política, cultural e social e, uma vez reinventado, dava uma artificial certeza de que os quatrocentões seriam novamente imbatíveis.

Portanto, trata-se de um romance em que o local tinha foco persistente, mas não dominou o enredo de forma absoluta; o que dominava, aparentemente, era a incerteza daquelas almas inquietas e que perdiam seus dias em conversas vãs. Na realidade, são vidas perdidas tanto pelo ceticismo como pelo excesso de certeza de que poderiam perder tudo, menos o orgulho e a ascendência nobre. E como poderia Lauro promover a diferença e lutar contra o fracasso? Como poderia mudar ou ter ideias diferentes das atrasadas opiniões alimentadas por aquela sociedade na qual era um inadaptado? E seria *Planalto*, após tantas décadas deixado às sombras dos estudos da literatura brasileira, um livro fracassado? Assim como Lauro, Flávio de Campos também não havia entendido o segredo dos paulistas?

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. de. A elegia de abril. In: ANDRADE, M. de. **Aspectos da literatura brasileira**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974. p. 185-195.

ANDRADE, M. de. O traço característico. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ed. 5369, 28 abr. 1940. p. 13.

BUENO, L. **Uma História do Romance de 30**. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CAMARGO, A. K. Onomástica Ficcional: status quo no Brasil. In: **Revista GTLex**, vol. 3, n. 1, jul./dez. 2017, 2020.

CAMPOS, F. de. **Planalto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

LOBATO, M. Planalto: um romance que prenuncia outro. In: LOBATO, M. **Fragmentos, opiniões e miscelânea**. São Paulo: Globo, 2010. p. 211-217.

MARQUES, I. Herói fracassado: Mário de Andrade e a representação do intelectual no romance de 30. In: **Teresa**, n. 16, 2015. p. 55-74. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/115414>. Acesso em: 12 ago. 2020.

REGO, J. L. do. **Banguê**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

REGO, J. L. do. Ciclo da cana de açúcar. In: MARTINS, E. (org.) **José Lins do Rego: O homem e A obra**. João Pessoa: A União Cia. Editora, 1980. p. 195-196.

Título em inglês:

THE FAILURE IN *PLANALTO* (1939), BY FLÁVIO DE CAMPOS